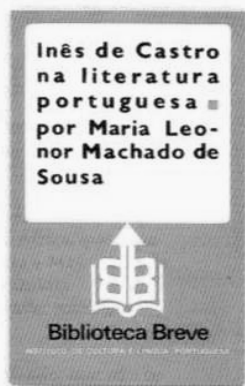


CASA DA AULA - CENTRO DE EXPLICAÇÕES

Episódio de Inês de Castro

O MESMO TEMA,
OUTRO LIVRO...



118

- 1 – Refere-se à Batalha do Salado.
- 2 – **Afonso**: D. Afonso V, pai de D. Pedro.
- 3 – **a se lograr**: a gozar.
- 7 – **mesquinha**: inocente.

119

- 3 – **molesta**: lastimosa.
- 8 – **aras**: altares.

120

- 3 – **engano de alma**: enlevo, ilusão.

122

- 2 – **tálamos**: leitos.
- 5 – **namoradas estranhezas**: loucuras de namorado.
- 6 – **sesudo**: prudente.

118 Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana Terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e *dino* da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que *depois* de ser morta foi Rainha.

119 Tu, só tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

120 Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce *fruito*,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus *fermosos* olhos nunca *enxuito*,
Aos montes *insinando* e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121 Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus *fermosos* se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

122 De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai *sesudo*, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

128

- 4 – **erro**: crime, delito.
7 – **Cítia**: região do Turquestão e Sibéria Ocidental.

129

- 1 – **feridade**: ferocidade.
5 – **intrínseco**: íntimo, profundo.
6 – **mouro**: morro.
7 – **reliquias suas**: os filhos que tinha de D. Pedro.
8 – **refrigério**: alívio, consolo.

130

- 1 – **benino**: benigno.

131

- 1 – **Policena**: filha de Príamo, rei de Tróia, que Pirro imolou sobre o túmulo do pai – Aquiles.
2 – **mãe velha**: Hécuba, mãe de Policena.
3 – **sombra**: alma.
4 – **Pirro**: herói grego da guerra de Tróia. Por ordem da sombra do pai que lhe apareceu, imolou Policena (cf. 1).

132

- 3 – **obras**: seios ou rosto e cabelos (as opiniões dos críticos divergem).
5 – **brancas flores**: brancas maçãs do rosto; a pele branca do colo.

128

«E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida, com clemência,
A quem *pera* perdê-la não fez erro.
Mas, se to assi merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.

129

«Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, *co* amor intrínseco e vontade
Naquele por quem *mouro*, criarei
Estas relíquias suas que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste.»

130

Queria perdoar-lhe o Rei *benino*,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra *hũa* dama, ó peitos carnicieiros,
Feros vos amostrais e cavaleiros?

131

Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha),
Na mísera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:

132

Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que *despois* a fez Rainha,
As espadas banhando e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

- 3 Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.
- 4 Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos *lacivas* maltratada
Da *minina* que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co a doce vida.
- 5 As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que *inda* dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores.
- 36 Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas.
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,
Que ambos *immigos* das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto,
Que com Lapido e António fez Augusto.
- 37 Este castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios.
As cidades guardando, justicioso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando, à morte deu
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

133

3/4 – **seva mesa**: banquete cruel.
Tiestes seduziu a esposa do irmão,
Atreu. Este, para se vingar, deu a
comer, num banquete, a Tiestes, a
carne dos filhos da sua união ilícita
com a cunhada. O Sol escondeu-se
de tais horrores.

134

3 – **lacivas**: travessas.

4 – **capela**: grinalda, toucado.

135

1 – **filhas do Mondego**: ninfas do
Mondego ou mulheres de Coimbra.
5/8 – Refere-se à **Fonte dos Amores**,
que a tradição diz situar-se na
Quinta das Lágrimas.

136

5 – **outro Pedro**: Pedro I, de Castela.
7/8 – **Augusto, Lépidio e Marco
António**, ao formarem um triunvi-
rato, fizeram um acordo: cada um
entregaria os inimigos dos outros.
Idêntico acordo fizeram os reis de
Portugal e de Castela.

137

1 – **Este**: D. Pedro I, de Portugal.

4 – **certos refrigérios**: habituais dis-
tracções.

6 – **vitupérios**: afrontas, insultos.

8 – **vagabundo**: viajado.

Alcides: Hércules que executou os
famosos "sete trabalhos".

Teseu: rei de Atenas que matou o
Minotauro e aniquilou vários saltea-
dores.

LEITURA EXTENSIVA

Inês de Castro

Antes do fim do mundo, despertar,
Sem D. Pedro sentir,
E dizer às donzelas que o luar
É o aceno do amado que há-de vir...

E mostrar-lhes que o amor contrariado
Triunfa até da própria sepultura:
O amante mais terno e apaixonado,
Ergue a noiva caída à sua altura.

E pedir-lhes, depois, fidelidade humana
Ao mito do poeta, à linda Inês...
À eterna Julieta castelhana
Do Romeu Português.

Miguel Torga, *Poemas Ibéricos*

Responda às seguintes questões:

1. Atente na est. 119.
 - 1.1. Refira-se ao Amor e à sua responsabilidade na morte de Inês.
 - 1.2. Indique, exemplificando, o valor dos adjectivos que caracterizam o Amor.
 - 1.3. Seleccione as passagens que apresentam o Amor como o devorador insaciável da alegria humana.
2. Associe expressões do texto a cada um destes adjectivos: *bela, jovem, feliz, tranquila, ingénua*.
3. Com base nas estâncias 120-129, aponte as diferentes situações em que a heroína nos é apresentada e os sentimentos experimentados em cada uma delas.
4. Registe as razões que motivaram a condenação de Inês.
5. Faça o levantamento das expressões que, nas est. 120-125, denotam:
 - a simpatia do narrador pela situação de Inês;
 - a antipatia do narrador pelos agentes de condenação da heroína.
6. De que forma tenta Inês, no seu discurso (est. 126-129), convencer o Rei a poupar-lhe a vida?
7. A subjectividade do narrador está bem patente na condenação da morte de Inês (est. 130-133). De que recursos se socorre para o efeito?
8. Compare a sorte de Inês com a da «fermosíssima» Maria, tendo em conta:
 - a beleza, o amor e a sedução;
 - as razões de Estado;
 - o destino reservado a cada uma delas.

Correcção do teste:

1.

Amor

Faça notar o modo como, na est. 119, o narrador responsabiliza o Amor pela morte de Inês.

Atente na **adjectivação de valor negativo** com que o eu se refere ao Amor: «com força crua»; «fero Amor»; «áspero e tirano», apresentando-o como um devorador insaciável da alegria humana («a sede tua / Nem com lágrimas se mitiga»), implacável nos sacrifícios que exige: «queres [...] tuas aras banhar em sangue humano».

2.

Inês

Peça aos alunos que, aos adjectivos *bela*, *jovem*, *feliz*, *tranquila* e *ingénua*, associem expressões do texto:

Resultado esperado:

- **bela**: «linda Inês»; «*fermosos* olhos»;
- **jovem**: «De teus anos colhendo o doce *fruto*»;
- **feliz**: «doces sonhos»; «pensamentos que voavam»; «memórias de alegria»;
- **tranquila**: «posta em sossego»;
- **ingénua**: «engano de alma, ledo e cego»; «doces sonhos que mentiam».

8.

Razão de estado

O conteúdo da est. 122, cujo sentido se remata no v. 1 da estrofe seguinte, é fundamental para a compreensão da razão de estado que inspira a condenação de Inês de Castro.

Solicite, por isso, aos alunos que extraíam o sentido essencial desses versos, para que concluam que «D. Afonso IV atribui à paixão de Pedro por Inês a causa da recusa do Príncipe em aceitar um casamento mais conveniente para o Estado português.»

3. As situações:

– nos «**campos do Mondego**», onde gozava de grande tranquilidade, numa vida pacata e feliz, com espaço para grandes sonhos de amor;

– no **palácio** diante do **Rei**, tendo para aí sido **arrastada pelos seus «algozes»**; aqui teme pelo destino dos filhos e pelo seu, proclama a sua inocência e, com visível sofrimento, contra a injustiça de que se acha vítima, pede o exílio em troca da sua morte.

Em 4., remeta para a leitura das est. 122 e 130.

Sobre 5., ver notas da p. 113.

6. A destacar: o apelo à humanidade do Rei (cf. est. 126); o argumento da sua inocência («a culpa que não tinha»), merecedora, pelo menos, do desterro (est. 128); o pedido de clemência para os filhos (est. 127-128); a insinuação de que achará mais «piedade» entre os animais selvagens do que entre os homens (est. 129).

7. Através da adjectivação, da comparação, da ironia e da invocação (cf. notas da p. 114).